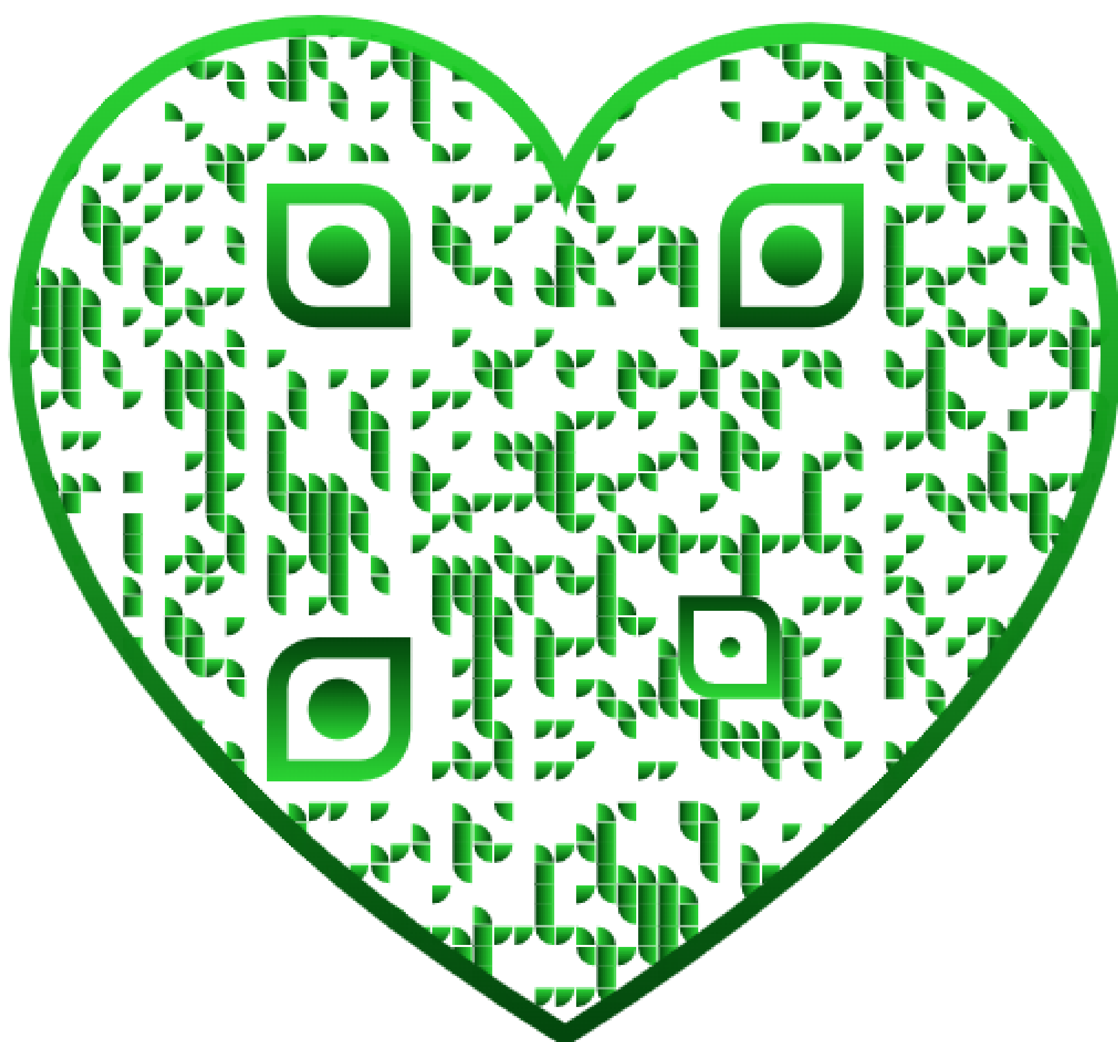

O PEÃO
E A
Marrentinha
Fernanda Terra




O PEÃO
E A
Marrentinha
Fernanda Terra

2013. Fernanda Terra
Capa
Tatiana Amaral
Revisão
Claudinha Zuliani
Diagramação
Amaral, Tatiana
1. Literatura brasileira. 2. Romance.
2.
Copyright @ 2013.
É Proibida a cópia do material contido nesse exemplar sem o consentimento do autor. Esse livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

**Capítulo 1**
**Enfim em casa**

*“Enfim em casa”*

Digitei antes de postar no *facebook* e jogar meu celular dentro da bolsa novamente.

Eu realmente estava feliz. E nada e nem ninguém tiraria essa paz do meu coração.

Cinco anos. Esse foi o tempo que morei em São Paulo. Depois que minha mãe, cansada da mesmice da cidade pequena, separou-se do meu pai, indo ao encontro de algo novo para sua vida.

Se ela encontrou, eu não sei.

Mas isso não me importava mais, pois nesse momento estava voltando para minha cidade e principalmente para os braços do meu único protetor, meu pai João.

Sorri, ajeitando meus óculos quadrados, enquanto equilibrava-me entre segurar as malas e minha bolsa, rezando para que João já estivesse me esperando.

Comecei a andar entre as pessoas que transitavam pelos corredores do aeroporto, tentando chegar ilesa até a saída, quando senti um impacto vindo direto ao meu corpo, quase me jogando no chão.

-Não olha para onde andas não, guria.

*Ops*!

-Me desculpe – senti os músculos do moço assim que apoiei nos seus braços para me levantar. – Deixa que eu te ajudo – vi que ele havia derrubado todos suas caixas no chão.

-Acho que sou eu que vou ter que te ajudar, moça – segui seu olhar, sem ainda encontrar o rosto dele, e vi minhas coisas espalhadas pelo chão do aeroporto. Por que tinha que ter nascido tão destrambelhada, hein?

Agachamo-nos para recolher nossas coisas e quando demos por si estávamos rindo, e foi naquele momento que me deparei com seus olhos verdes.

Puxa!

Eu tinha atropelado um gato, que rindo ficava ainda mais lindo.

-Acho que isso é seu – ele se levantou, estendendo-me o celular.

-Me desculpe mais uma vez.

-Moça bonita pode tudo – então ele tinha me achado bonita também?

-Você sempre é galanteador com quem te atropela no aeroporto? – ele gargalhou e o acompanhei.

-Não, só com as mais estabanadas e bonitas – garanhão, com toda a certeza. – Mas você está perdida, quer ajuda? Para onde está indo?

-Não costumo falar para onde vou com estranhos – fiz-me de difícil.

-Por isso não, Léo – ele estendeu a mão e sorrimos juntos. Mas quando ia me apresentar, gostando da brincadeira, ouvi meu pai me chamar e acenar.

-Filha.

-Filha? – o garanhão, quer dizer, o Léo virou parecendo reconhecer a voz de João.

-Léo? O que você está fazendo aqui, meu filho? Vocês se conhecem?

-Léo, filho? – a confusão estava armada.

-Filha, que saudades – abracei meu pai, sentindo o cheiro da minha casa novamente. Estava de volta para os braços do meu protetor, de quem sempre me amou de verdade. – Filha, o Léo mora aqui em Santa Maria também. Nossas famílias são amigas – que novidade boa. Olhei para o garanhão, quer dizer, para o Léo que não tirava aquele sorriso lindo do rosto. Como podia ser tão lindo, e os cabelos, castanhos claros e completamente desgrenhados, pele branquinha. Pare, Maria Beatriz.

-E ai, Chefe? – meu pai era delegado da cidade, acho que por isso o apelido.

-Tudo bem, Léo? O que você está fazendo aqui? – ele olhou de um para o outro sem entender. – Vocês se conhecem?

-Se em um atropelamento podemos conhecer alguém, sim, chefe, a gente já se conhece.

-Atropelamento? Como? Vocês estão bem?

-Quer matar meu pai do coração – fui rude ao perceber que ele estava tirando sarro da minha cara. – Pai, eu trombei com o Léo, quer dizer, nós trombamos.

-É, Chefe, vim buscar as injeções que encomendamos para as vacas leiteiras lá da fazenda, e sua filha estava no mundo da lua e... – ele gargalhou sendo acompanhado por João. Porém engoliram o ronco quando observaram minha carranca, com os braços cruzados e batendo os pés – Quer dizer...

-Pode deixar que explico para ele no caminho, e mais uma vez me desculpe.

-O prazer foi todo meu – o prazer? O desgraçado estava se divertindo da minha cara. – Mas você não me disse seu nome – olhei para ele e quase me derreti. Ele tinha alguma coisa naqueles olhos verdes.

-Maria Beatriz. Vamos, pai – puxei João pela mão, enquanto pegava minha bagagem.

-Tchau, filho. A gente se vê por aí.

-Tchau, Chefe. Bia – por que ele tinha que ter intimidade com meu pai, hein?

E foi assim que conheci meu peão garanhão, encantando-me por ele já no primeiro dia.

*Mas a quermesse ajudou...*

**Capítulo 2**
**Quermesse**

Chegamos ao local da festa que ficava do lado da Igreja do Padre Olavo. Este que me batizou, fez minha primeira comunhão, a crisma, e ainda prometeu um dia me casar. Gargalhei no dia que me falou isso. Mas quem sabe.

Aproximamo-nos de um grupo de pessoas, onde o Padre estava contando uma piada, sim o Padre Olavo era muito divertido. E assim que nos viu parou de falar vindo me abraçar.

-Minha filha, há quanto tempo. Você está uma moça, Maria Beatriz – sorri retribuindo o abraço.

-Padre, que saudades – sempre fomos muito ligados a ele. Quer dizer, eu e João. Era como se fossemos da sua família. Ele não saia lá de casa, e ainda pescava com o pai nas horas vagas.

-Filha, esses são Carlos e Claudia – *oh*, os pais do peão garanhão.

-Prazer em conhecer vocês – apertei a mão do Seu Carlos, mas Dona Claudia já me puxou para um abraço.

-Tu és bem bonita mesmo, querida. Bem que o Léo falou – então ele havia falado de mim?

-Bem, você está entregando nosso filho – sorri corando. – Seja bem vinda de volta, filha. Seu pai não falava de outra coisa.

-Eu também estou muito feliz, Seu Carlos.

-Oi. Eu sou a Fabiana, mas pode me chamar de Fabi – uma menina baixinha e loira chegou ao meu lado.

-Oi, prazer, Fabiana. Sou Maria Beatriz, mas pode me chamar de Bia – a abracei sorrindo. Eles eram muito receptivos e me fizeram sentir em casa. Só faltava...

Nesse momento eu o vi do outro lado do recinto da quermesse rindo e rodeado de meninas.

Claro, Maria Beatriz, você acharia que lindo daquele jeito daria bola para uma menina descoordenada, com os cabelos castanhos e um metro de sessenta de *sem gracisse*?

Resolvi voltar a minha atenção a minha nova amiga, mas sem tirar os olhos em Léo, que ainda não tinha me visto.

-Então seremos colegas de turma?

-Poderíamos ser melhores amigas – sorrimos. Fabi era bem divertida.

-Com certeza. Sinto falta de uma melhor amiga, sabia?

-Eu também, mais acho que vamos nos dar muito bem – também senti isso logo que a vi se aproximar.

Mas naquele momento meus olhos se cruzaram com os do irmão dela, e quase perdi a respiração quando Léo abriu seu sorriso mais lindo, deixando as meninas falando sozinhas, vindo em minha direção.

-Boa noite, gurias – sorri tentando apenas ser educada e não transparecer que estava radiante por ele ter largado as oferecidas e ter vindo falar comigo.

-Boa noite, Léo.
-Pelo jeito a Fabi já começou a te alugar, não é?
-Mas você é bobo mesmo, Leonardo – sorri do tapa que ela deu no irmão.
-Está bonita – nessa hora vi que Fabi se distanciou.
-Obrigada – senti meu rosto queimar.
-Vem, vamos dar uma volta para eu te mostrar as coisas boas dessa festa – pegou na minha mão. E dei graças a Deus de João e seus pais estarem entretidos com o Padre Olavo perto da barraca do algodão doce.
-Esqueceu que venho nessa festa desde que nasci? – brinquei.
-Mas não comigo, marrentinha – balancei a cabeça e fui levada por ele.
-Convencido – ele jogou a cabeça para trás rindo. Meu Deus, como poderia ser tão lindo?
Léo me levou até o parque que tinha se instalado ali perto, brincamos como duas crianças de carrinho de bate-bate, andamos na montanha russa, mesmo eu dizendo que morria de medo.
Ele ganhou um urso enorme para mim no jogo da argola, e nos jogamos em um dos bancos comendo cachorro quente e dividindo o mesmo refrigerante.
-Ta. Você é um cara legal – falei com a boca cheia, depois de um implicar muito com o outro, principalmente por conta da nossa trombada no aeroporto.
-Tu também, apesar de ser marrenta pra caramba.
-Olha quem fala – limpei a boca, tentando equilibrar o urso ao meu lado. – Então você faz veterinária?
-É – ele parou sério pela primeira vez. – Eu amo aqueles bichos e só de pensar que posso salvá-los.
-Deve dar uma sensação muito boa, não é? – olhei em seus olhos, que ardiam nos meus.
-Com certeza. Poder conviver com eles e ajudar a fazenda do pai crescer, é muito bom – sorri do jeito carinhoso dele. – E tu, por que escolheu a psicologia?
-Para me entender – gargalhamos e dei mais um gole no refrigerante. – Não sei, acho que queria encontrar algumas respostas, e também como você poder ajudar as pessoas.
-É, marrentinha, te entender acho que nem jubilando na faculdade – bati em seu braço, enquanto ele gargalhava.
-Você nem me conhece.
-Mas quero te conhecer – nossos olhos se encontraram novamente, mas logo o interrompi vendo a cabine de fotos instantâneas na nossa frente.
-Léo – gritei. – Vamos tirar aquelas fotos? – apontei, vendo sua careta.
-Filha – olhamos para trás e vimos João vindo em nossa direção. – Que bom que encontrei vocês. Estou indo embora, tu vem comigo?
-Pode deixar que levo a Bia para casa, Chefe – Léo respondeu na minha frente, e vi um sorriso malicioso no rosto do meu pai.
-Tem certeza, filha.
-Tenho, pai – olhei para Léo que também ria. – Eu vou com ele. Não precisa se preocupar, não é, Léo?
-Não seria nem louco de fazer alguma coisa com a filha do Chefe.
-Tudo bem. Então se divirtam, meninos – ele beijou meu rosto e se afastou.
-Tem certeza que não vou atrapalhar.
-Claro que não, e ainda temos que tirar aquelas fotos – apontou para a cabine. – Vamos?
-Vamos – levantei animada.

Estava me sentindo tão leve naquele momento. Acho que a volta para minha cidade, para os braços do meu pai estavam me fazendo muito bem. Mas não podia me enganar, e dizer que Léo não tinha nenhuma parcela em todos os sorrisos que foram fotografados na sessão de fotos que tiramos.

Ele fez cócegas.

Fizemos caretas.

Beijamos a bochecha um do outro, como se nos conhecêssemos há muito tempo.

É o Léo estava se tornando bem especial para mim.

E depois de dividirmos uma maça do amor, ele me levou para casa, onde educadamente abriu a porta para que eu pudesse descer do carro com meu urso enorme.

-Tu precisa dar um nome para ele.

-Nome para quem?

-Ué, guria, para o urso – ele apontou sorrindo, fazendo-me balançar a cabeça.

-Você tem cada uma – sorrimos juntos. – Bom estou entregue, obrigada mais uma vez. Adorei nossa noite.

-Eu também gostei muito. Podemos repetir um dia desses.

-É, podemos sim. Vou entrar. Obrigada, Léo, e boa noite – aproximei-me para beijar seu rosto, mas viramos ao mesmo tempo e acabei lhe dando um selinho. Quase morri de vergonha e virei rápido entrando em casa, sem conseguir olhar para ele novamente.

-Boa noite, marrentinha. Sonhe comigo.

-Convencido – acenei sorrindo da garagem, suspirando apaixonada.

Apaixonada?

Será?

*E a convivência atrapalhou...*

## Capítulo três
## A marrentinha e o monstro do curral

*Depois desse dia muita coisa aconteceu, e tudo se confundiu na cabeça da marrentinha.*

*Eles brigaram, pois ela teve o desprazer de conhecer o monstro do curral, que era o animal que Léo se transformava quando estava bravo. Porém o guri soube conquistá-la e quando pensou estar ganhando a batalha em irritá-lo se viu completamente entregue e apaixonada. Na verdade tentou enganar seu coração até onde deu, não durando mais que quinze dias.*

*E em uma de suas brigas, depois da marrentinha quase esmurrar uma loira que dava em cima do peão, o primeiro beijo aconteceu.*

...

-Eu não teria nada com ela, Bia– foi se aproximando, não deixando quase nenhum espaço entre nós. – Eu queria que fosse tão diferente, eu tinha arrumado tanta coisa na minha cabeça – colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. – O que você quer, Maria Beatriz? – disse sofregamente, com os olhos fechados.

-Que me beije – Léo gemeu tocando nossos lábios singelamente.

-Sabe há quanto tempo eu desejo fazer isso, guria?

-Quinze dias? – ele sorriu depositando mais um selinho na minha boca.

-Bem mais – o encarei sem entender. – Eu imaginava isso desde quando o Chefe falava de você, desde que mostrava suas fotos. Você é tão linda, pequena – acariciou meu rosto, o que me fez deitar em sua palma, ainda mais apaixonada.

-Me beija, Léo – e dessa vez meu pedido foi atendido com prontidão. Léo agarrou minha nuca, puxando-me mais para ele, e quando nossas línguas se encontram gememos juntos de satisfação. Ele beijava tão bem como nos meus sonhos. Sua pegada me deixava maluca, e a partir daquele momento viciada também. Leonardo poderia ser grosso, intolerante, mandão, mais era o amor da minha vida. Entreguei-me mais ao nosso beijo e quando me dei conta já estava no seu colo, agarrada a sua nuca e outra música romântica já tinha começado.

-Eu juro que se amanhã você não se lembrar de nada, Maria Beatriz, vou te dar uma coça – gemi, escorregando ainda mais para seu colo.

-Eu não tenho amnésia, peão.

-Mas pelo tanto que você bebeu hoje – ele torceu a boca, beijando meu pescoço.

-Eu nunca esqueceria isso – toquei nossos lábios novamente, e mais que depressa, com fome e pressa ele introduziu sua língua na minha boca e nos beijamos loucamente.

-Tu és tão linda, cheirosa. Porra, pequena. – Léo agarrava meus cabelos enquanto falava, demonstrando toda a intensidade das suas palavras nos gestos.

-Você não fica atrás – sorri, repetindo seu gesto.

-Eu queria ter feito isso certo.

-E o que tem de errado? – deitei no seu ombro, aspirando seu perfume, e sentindo-o arrepiar.

-Pequena, - Léo ergueu meu rosto, deixando-o praticamente colado no seu – eu não estava fazendo nada com...

-Eu sei. Só senti ciúmes – deitei novamente no seu ombro, e fui abraçada por ele.

-Você não precisa disso.

-Eu sei.

*E tudo pareceu se transformar em um mar de rosas...*

**Capítulo 4**
**Nossa primeira vez**

`

*A primeira vez deles também foi mágica. Já estavam namorando, depois de Léo ter feito o pedido no "nosso lugar", um mirante que ficava nas suas terras.*

*E foi lá, com a ajuda dos amigos e do pai, que construiu a famosa cabana do amor.*

*O lugar onde fariam amor pela primeira vez.*

...

-O nosso lugar?

-Um pouco mais aconchegante – pelo farol do carro avistei uma cabana assim que ele parou.

-Léo – desci do carro e o vento frio daquele lugar me acometeu, fazendo meu corpo tremer.

-É nossa – me abraçou por trás. – Construí nesses dias com a ajuda do Boi, do Dé, do pai e de alguns peões.

-Meu Deus!– senti lágrimas nos meus olhos – É lindo.

-Vem, vamos entrar antes que a gente vire picolé – me puxou para dentro.

A cabana era pequena, feita de madeira, e sem nenhuma parede de separação. Havia uma sala com uma poltrona, a cozinha ao lado, apenas com uma pia e um frigobar, e no quarto... – respirei fundo aproximando-me dele. No quarto tinha uma cama coberta com uma colcha que parecia ser bem quentinha e uma lareira ao seu lado, já acessa.

-Perfeito – foi só o que consegui falar.

-Rústico, mas nosso. – abraçou meu corpo que começava a aquecer. – Ali tem um banheirinho – apontou para a única porta do local, tirando a da entrada.

-Léo – virei de frente para ele, chorando copiosamente – é...

-Nosso, pequena. Pedi para o pai e ele concordou e além de tudo ajudou – sorri, escondendo o rosto no seu peito.

-Por isso não me trouxe aqui esses dias.

-É. Eu quero que esse lugar seja nosso, para sempre – me apertou ainda mais a ele.

-Vai ser – Léo ergueu meu rosto e quando nossas bocas se encontraram percebi que estava pronta para receber todo o amor que ele tinha para me dar.

-Estou pronta. Eu quero você, Leonardo Ávila – ele sorriu beijando a pele exposta do meu pescoço.

-Há quanto tempo queria sentir sua pele – Léo tirou meu sobretudo vagarosamente, descendo beijos por meu ombro. – Sentir tu se arrepiar apenas com a minha voz – sussurrou no meu ouvido, enquanto agarrava meu cabelo. – Te ouvir gemer meu nome baixinho.

-Léo – instantaneamente falei, o vendo abrir o zíper do meu vestido.

-Quero sentir sua pele, seu sabor, seu sorriso, seu brilho. Todos esses sentimentos explodindo na hora que tiver dentro de ti – sorri, e ele nos levou até a cama, deitando-me carinhosamente e vindo para o meu lado.

-Eu te amo.

-Eu também, pequena. Prometa que se doer, tu me avisa?

-Prometo – Léo me beijou e depois disso nos entregamos inteiramente um ao outro.

E tê-lo dentro de mim, mesmo com a sensação dolorida da primeira vez, era maravilhoso.

Ali éramos apenas eu e meu peão lindo, que também sabia ser romântico e proporcionar a sua garota a melhor noite da sua vida.

Como prometido.

Léo tinha construído a nossa cabana, no lugar mais mágico que meus olhos haviam visto.

E naquela noite poderia me considerar a mulher mais feliz dessa vida, e ter a certeza que nada poderia me separar do meu amor. Não depois da nossa entrega mútua.

Ali perdidos entre sussurros e gemidos eu era apenas de Leonardo e ele só meu. Emanando amor por todos os poros, e descobrindo segredos íntimos só conquistados em uma relação verdadeira.

Na hora do amor, Léo era o que mais falava, e eu em silêncio me entregava a todas as novas sensações. Bem diferente do nosso dia a dia, porém não menos apaixonados.

*Até que o ciúme apareceu...*

**Capitulo 5**
**A redenção de um amor**

*Mas quando pensamos que a paz reina na vida desse casal, eis que surge uma garota boazinha demais, mas louca para roubar seu peão.*

*Porém ali é que a marrentinha descobre o verdadeiro e intenso amor...*

Acordei bem disposta e ainda não passava do meio dia.

Tomei um banho, e resolvi fazer uma visita surpresa para meu peão na fazenda, e quem sabe ainda pegaria o almoço da sogrinha na mesa?

Vesti uma roupa confortável para o frio que ainda estava presente, mesmo já estando em meados de agosto, e peguei o jipe rumando para a fazenda Ávila, pronta para pular no pescoço do meu amor.

Mas o que encontrei assim que estacionei o jipe perto do curral fez meu coração ferver, de ódio.

Léo conversava animado com uma talzinha, completamente sem sal, que tocava seus braços musculosos.

Hei! Esses braços são meus.

Estava enxergando tudo vermelho que nem vi quando Boi, nosso amigo de baladas e baderneiras, se aproximou.

-E aí, marrentinha. A noite foi boa ontem, hein? Cheguei em casa pra lá das três da manhã e o Léo ainda não tinha chegado.

`-Quem é ela? – falei nervosa.

-Tu não vais brigar comigo hoje? Estais doentes? – tocou minha testa, gargalhando.

-Eu vou repetir – meus olhos estavam fixos no casal à minha frente. – Quem é ela?

-Ela quem, sua doida? – foi aí que resolveu seguir meu dedo e percebeu de quem estava falando. – Daniela?

-Quem é Daniela, Luis Carlos?

-Ela morava vizinha da gente na outra fazenda – virei para o grandalhão na minha frente.

-E...

-E o que, marrentinha?

-Vai, Boi, desembuche.

-Tem nada não, Bia. Só que ela era louca pelo Léo quando era pequena e roubou seu o primeiro beijo dele – disse simplesmente. – Mas a gente era tudo criança.

-O quê? – meu sangue borbulhou. – Mas esse peão é muito galanteador mesmo.

-Marrentinha... – virei indo em direção ao jipe e saí de lá cantando pneus. – Léo – escutei Boi gritar, e ainda pude ver meu digníssimo namorado correr atrás do carro. E naquele momento tive vontade de voltar e passar por cima dele e daquela sem gracinha, mas me controlei, deixando apenas

eles comerem poeira.

Maltratei o chão de Santa Maria, como Fabi costumava dizer que Léo fazia quando a gente brigava, e depois de gastar quase um tanque de gasolina e todas as minhas lágrimas voltei para casa sem querer saber de ninguém.

Meu celular havia sido esquecido no banco do passageiro, e quem se importava? Dei de ombros.

Subi para meu quarto, tomando o cuidado para fechar a janela, pois naquela hora se Léo aparecesse ali era capaz de eu jogá-lo lá embaixo.

Porra! Ele era meu. Quem aquelazinha pensava que era para chegar e tomá-lo de mim?

Mas espera...

Pelo que Boi disse era a tal Daniela que tinha chegado primeiro, e ainda por cima era amiga de todo mundo e apaixonada por Léo – esmurrei o travesseiro. – Ali a usurpadora era eu, e não ela.

Droga! Eu ia perder meu namorado, meus amigos, minha sogra.

O que seria de mim sem eles?

Chorei ainda mais, começando a escutar uma movimentação estranha do lado de fora da casa. E eu conhecia aquele barulho de carro.

-Maria Beatriz, abra essa janela agora – o monstro do curral estava ali. – Eu preciso te mostrar uma coisa – fiquei curiosa indo até lá e o vendo junto com Boi pela fresta do vidro – Estou falando sério, Bia - abri devagar e vi que Léo havia pego um violão e começava a cantar uma música acompanhado por Boi.

-Não, Léo... – chorei. – Eu vou jogar água.

-Vai nada – e continuou a cantar -... *Tinha que ser você, o amor achou a gente...* – não estava acreditando. Meu peão estava embaixo da minha janela me oferecendo uma serenata deixando-me ainda mais apaixonada -... *Chamam isso de amor eu também acho, mas seja como for, me dá um abraço.*

Era Prefácio.

Desci as escadas de dois em dois degraus e quando abri a porta da sala Léo estava ali.

-Quantas vezes vai ser preciso te dizer que só tenho olhos para ti, hein? – pegou minha cintura violentamente.

-Ela te beijou, – funguei – o Boi me contou.

-Por isso fiz vir junto comigo para pagar esse mico – apontou para o amigo encostado na caminhonete.

-Foi lindo, amor – escondi meu rosto no seu peito.

-Será que agora tu entendeste? – acariciou minhas costas.

-Eu sinto ciúmes – confessei.

-Nem reparamos - Boi comentou lá atrás.

-Cala boca, Boi – dissemos juntos, rindo.

-Já fez sua parte, pode ir – Léo o despachou.

-E queres que eu volte a pé?

-Vou quebrar seu galho - meu namorado jogou a chave da caminhonete. – Mas um risco, eu te mato.

-Está falando com o az do volante.

-E o asno que não consegue ficar com a boca fechada.

-Léo! – gritei – Pelo menos já sei quem e a talzinha.

-E sabe que ela não significa nada.

-Nada mesmo? – beijei seu pescoço.

-Vaza, Boi – me pegou no colo. – Vamos subir que vou te contar uma historinha, Maria Beatriz.

Amei a ideia e depois de uma tarde fazendo amor, nos arrumamos para a roda de viola da fazenda.

Dentro do jipe, Léo fez com que eu o olhasse.

-Tu entendeste tudo, marrentinha?

-Sim – revirei os olhos e continuei. – Daniela é filha dos vizinhos da fazenda onde tu moravas. Ela é boazinha e era apenas uma criança quando roubou aquele beijo – meu sangue ferveu, mas disfarcei, sorrindo amarelo. – Os pais dela são amigos dos seus, e nesse momento, por coincidência, ele esta pescando com João e Carlos, seu pai. E Daniela e a mãe, ficaram para passar o final de semana com Claudia.

-E o principal de tudo isso, Maria Beatriz? – apertou minha coxa.

-Só eu causo esse efeito sobre ti – subi minha mão até... O fazendo gemer.

-Exatamente – agarrou minha nuca, beijando-me com paixão. – Alguma dúvida, pequena?

-Não. Eu te amo, Léo – beijei seu pescoço. – E amei minha serenata.

-Viu o que eu faço por ti? Quase me mata de vergonha, Maria Beatriz.

-Aí, Léo, eu quase morri também quando o vi rindo com ela – o danado gargalhou.

-Depois que falo que somos iguais – balancei a cabeça, enquanto ele ainda ria.

-Vamos que o povo está esperando a gente – deitei no seu ombro.

-Entendido, então?

-Entendido, Leonardo Ávila.

-Então vamos – ele arrancou com o jipe.

Chegamos à fazenda e a primeira pessoa que tive o desprazer de ver foi a boazinha da Daniela, conversando com Fabi.

Serei o Benedito! Teria que dividir até minha melhor amiga?

Léo agarrou minha cintura e nos aproximamos da roda de pessoas, sorrindo.

-Chegamos, pessoal – Daniela virou seu rosto, sorrindo, porém foi nítida sua cara de decepção quando viu onde estava a mão de Léo, na minha bunda.

Sorri ainda mais, beijando sua boca.

Sim, eu estava marcando meu território.

-Que bom, meus filhos, onde estavam? Só faltavam vocês – Claudia abraçou-me, carinhosa. Ponto para mim, Daniela.

-Madrinha, esses dois aprontam e sobra para nós.

-Ninguém manda ter a boca grande, Luis Carlos – Léo retrucou.

-O pessoal já descobriu da serenata e está me estorvando.

-Boi, eu amei – beijei seu rosto, sendo puxada possessivamente para junto de Léo novamente.

-Serenata? – Claudia suspirou.

-É, sogrinha – olhei novamente para Daniela. – Seu filho fez uma serenata na minha janela hoje à tarde – dei-lhe um selinho.

-Que lindo, filho.

-Com a Beatriz tem que ser assim, ou tudo ou nada – beijou meu pescoço.

-Os peões estão tirando sarro – Boi apontou para os homens atrás de nós.

-Isso é inveja por eu ter a namorada mais bonita. Vão caçar mulher seus desocupados – Léo riu e arrumou a mão dentro do bolso da minha calça jeans.

-Leonardo, olhe os modos – a mãe dele ralhou.

-Vamos deixar de papo furado que preciso que tu me ajudes com o *marshmallow* para assar na fogueira – Fabi tirou-me dos braços do meu peão.

-Filha, antes deixe apresentá-la a Daniela e a Magda – Claudia me puxou dos braços dos filhos. – Esses dois disputam a pobre da Beatriz desde quando ela voltou para a cidade – balançou a cabeça, rindo. - Minha filha, essas são nossas amigas de Passo Fundo, cidade de onde viemos. E essa é a famosa Maria Beatriz.

-Prazer, filha– Magda me abraçou. – Então estamos tendo o prazer de conhecer a famosa namorada do Leonardo?

-Famosa não sei, mas sim, sou eu a namorada do Léo – olhei para ele, que sorria, sem soltar a mão da minha calça.

-Prazer – a boazinha, disse tímida.

-O prazer é todo meu – sabia ser superior também.

-Agora vamos – Fabi me puxou.

-Vocês me deem licença – virei para meu peão. – Já volto – beijei seus lábios, sendo pega de jeito.

-Estou de olho – apontou dois dedos nos olhos, fazendo-me rir.

-Quem deveria dizer isso era eu, peão – repeti seu gesto, já sendo puxada por Fabiana.

-Eu preciso te perguntar – respirei fundo, fuzilando a tal Daniela que não tirava os olhos do meu namorado perto da fogueira. – Tu também eis amiguinha dela? – apontei da cozinha.

-Estás com ciúmes de mim também, amiga? – Fabi gargalhou.

-Se disser que sim me chamaras de louca?

-Louca, não. Possessiva, com certeza.

-Possessiva está bom. Estou morrendo de ciúmes – confessei. – Vocês são meus, mas daí coisinha chega e me olha como se eu tivesse usurpado sua amiga e namorado – Fabi sentou na cadeira de tanto que ria.

-Usurpadora não era aquela novela mexicana?

-Era – sentei-me ao seu lado.

-Para de bobeira, menina. Não vou mentir que a Daniela sempre foi louca pelo Léo, e por isso também tentava ser minha amiga. Mas a única coisa que a pobre conseguiu disso tudo foi um beijo roubado, e um santo que nunca bateu com o meu – revirou os olhos. – Ela é muito boazinha.

-E não gostamos de meninas boazinhas, não é?

-Exatamente – batemos as mãos, cúmplices. – Agora veja a diferença – mostrou Daniela que não parava de olhar para o irmão. E depois o irmão que não parava de olhar para mim. – Viu só quem mexe com as estruturas do peão ali?

-Vi – sorri apaixonada.

-Então pare de besteira e vá mostrar para a boazinha quem manda nessa casa – levantamos e Fabi bateu na minha bunda.

-Obrigada, amiga. Te amo também – ela sorriu.

-Mas essa da usurpadora vou ter que contar para o Boi.

-Vai nada – disse já da porta.

-Vou sim – voltei rindo para a roda de viola, sendo agarrada por meu namorado que me tascou um beijo daqueles.

- O que tanto rias dentro daquela cozinha, *hein*?

-Nada. Só estávamos relembrando uma novela – desconversei.

A roda de viola foi bem divertida, com Boi nos enchendo durante o resto da noite, por conta

da serenata e da usurpadora, que Fabi fez questão de contar.

Porém o ápice do dia aconteceu já na nossa cabana.

Léo, ainda dentro de mim, depois de mais uma vez chegarmos juntos ao céu, cantou para mim.

*-Eu vou contar meu segredo... Falar pro mundo inteiro... Tatuar seu nome... Roubar o seu beijo... Porque eu te amo sem medo... Quer saber... Faço de tudo pra te merecer... Quer saber... O impossível é pouco pra você... Vou escalar o Everest com uma mão só... Atravessar o oceano em um barco de papel... Se for preciso eu posso até roubar um avião... Pra te levar pro céu... Eu corro a 120 com o carro na contramão... Eu me lanço ao vento do décimo quinto andar... Aprendo a voar pra te provar... Que a fé move montanhas e eu movo o mundo... Pra te amar...*

-Léo – chorei, tocando seu rosto lindo.

-Eu preciso colocar nessa cabecinha dura o quanto te amo, pequena. E como nada vai me tirar daqui – se mexeu dentro de mim, fazendo-nos gemer.

-Tu eis tão perfeito que às vezes tenho medo de não passar só de um sonho.

-Um sonho bem duro – riu, beijando meu pescoço. – Te amo, Maria Beatriz, e o que fiz hoje foi pouco perto do que ainda posso fazer.

-Obrigada.

-Por eu ser um peão grosso e irracional? – me instigou, estocando mais forte.

-Não – o puxei pela nuca, beijando sua boca. – Por ser um peão lindo, e mesmo grosso e irracional sei que será para sempre só meu – impulsionei meu quadril no dele.

-Tu eis doida, marrentinha.

-Eu sei, mas você me ama mesmo assim.

-Tem outro jeito? – Léo me trouxe para seu colo, e pude senti-lo bem fundo.

-Não, não tem.

Passamos o final de semana ali, na nossa cabana, apenas nos amando. Sem preocupações a mais, já que João acatou minha ideia passando o domingo também pescando.

Nada me separaria do meu peão, eu tinha certeza disso.

Léo era minha vida, o ar que respirava. E poderia me considerar a garota mais feliz e realizada desse mundo.

*E assim termina a história do peão e sua marrentinha?*

*Não. Com certeza ainda temos muito que castigar os chãos de Santa Maria.*

*Muito amor e emoção nos espera daqui para frente.*

*Preparem os corações, pois Leonardo Ávila e Maria Beatriz Albuquerque vêm para desestruturar toda a sua vida.*

***Eu vou contar meu segredo... Falar pro mundo inteiro... Tatuar seu nome... Roubar o seu beijo... Porque eu te amo sem medo... Quer saber... Faço de tudo pra te merecer... Quer saber... O impossível é pouco pra você... Vou escalar o Everest com uma mão só... Atravessar o oceano em um barco de papel... Se for preciso eu posso até roubar um avião... Pra te levar pro céu... Eu corro a 120 com o carro na contramão... Eu me lanço ao vento do décimo quinto andar... Aprendo a voar pra te provar... Que a fé move montanhas e eu movo o mundo... Pra te amar...***

Everest – Fernando e Sorocaba e Luan Santana

**Capitulo extra**
**E o peão caiu**
**Um conto de natal onde tudo começou**

**Léo**

Estávamos chegando novamente ao fim de mais um ano, e eu estava rodando pelas ruas de Santa Maria pensando no natal, que logo chegaria. Era o primeiro natal que passaríamos na nossa nova cidade, já que tínhamos mudado em janeiro pra cá.

Passando pela praça avistei o carro do chefe de Polícia da cidade, o delegado João, homem íntegro, humilde e... Sozinho. Sempre estranhei o fato de nunca encontrá-lo pela cidade com a família, mas nunca perguntei sobre o assunto, já que não era da minha conta.

Foi ai que relembrei como nos conhecemos em março.

***

...Estava chegando em casa de madrugada, depois mais uma noite na boate com muitas garotas, farra e bebedeiras quando vi várias sirenes ligadas em frente ao curral da fazenda. Não pensei em mais nada! Corri pra lá e vi meu pai desesperado, sujo de sangue e gritando muito. É claro que fiquei desesperado, mas pela agitação dele percebi que estava bem, o sangue não era dele! Graças a Deus!

- O que está acontecendo pai? Que sangue é esse?

- São dos cavalos, filho! Ladrões invadiram a fazenda e quando foram pegos pelo alarme atiraram em dois garanhões! Acabei de sacrificar os dois, pobrezinhos, não podia esperar mais porque eles estavam sofrendo.

- Meu deus! E onde estão a mamãe e a Fabi? Tudo bem com elas?

- - Sim, tudo bem! Foi só um susto mesmo! Quero que conheça o Chefe João Albuquerque, o delegado da cidade, ele está nos ajudando muito!

- Boa noite, senhor! Muito prazer, sou Leonardo.

- Boa noite, menino! Vocês tiveram muita sorte! Ninguém, além dos animais foi ferido e ao que tudo indica meu pessoal já conseguiu prender os ladrões.

- Que bom! Muito obrigado...

***

E foi assim que o conhecemos, e a partir dai meu pai ganhou um amigo verdadeiro, que nunca mais deixou de nos visitar ou perguntar se tudo corria bem. Mas ele estava sempre sozinho, mesmo quando estava lá em casa pra alguma roda de viola ou pescando com o pai.

Foi então que me surgiu uma ideia e liguei para o pai...

-Pai, o senhor está bem?

- Sim, tudo bem! Porque essa ligação, agora?

- Sabe o que é... O que o acha de convidarmos o Chefe e sua família para passarem o Natal com a gente? A mãe já chamou Padre Olavo mesmo. Seriam mais algumas pessoas.

- Ótima ideia, Léo! Nunca agradecemos de verdade o quanto ele nos ajudou! Mas acredito que ele virá sozinho, já que a ex-mulher e a filha moram em São Paulo.

- Certo, pai. Vou falar com ele então.

Esperei mais um pouco e resolvi ir até sua casa, mal sabia eu o que me esperava lá!

Cheguei por volta das seis e toquei a campainha e realmente só o chefe estava em casa.

-Leonardo, meu filho, tudo bem? Que surpresa!

-Tudo bem, Chefe!

- O que o traz aqui? Vamos entrar... - foi quando entrei e logo na sala encontrei um anjo pintado a mão. Era um quadro a tinta óleo e mostrava a criatura mais linda que já tinha visto! E modéstia a parte, eu já tinha visto muitas garotas lindas, mas aquela era especial!

Ela tinha uma beleza única, especial. Um anjo na terra, com longos cabelos castanhos claros e olhos de um verde único!

- Leonardo... LEONARDO!

- Oi! Sim, chefe, me desculpe! - ele ria olhando de mim para o quadro, descaradamente na minha cara!

- Bonita? Gostou do meu anjo?

- Nossa! É realmente um anjo! Ela é linda! Quem é?

- Minha filha! Nem pense em gracinhas com meu tesouro, Leonardo Ávila!

- E... Eu? Imagina! Não pensei nada não! - que olhos! Que boca vermelha... Como deve ser macia... E como deve ser beijá-la?

Nossa, peão. Ficou bobo de paixão!

- Acho bom mesmo! Mas, voltando ao nosso assunto, o que te trouxe a minha casa?

- Bom, é que fiquei sabendo que o senhor passaria o natal sozinho, então pensei o que acharia de passar o natal com a gente? Aceita?

-Nossa! Você me surpreendeu agora rapaz, aceito sim! Apesar de ser o último natal que passo sozinho! Meu anjo passou na Federal e volta para casa no começo do ano! - ele dizia todo feliz e eu já estava sonhando de novo... Ela existia, era real, tinha passado na Federal e vinha estudar em Santa Maria... E iria conhecer essa menina linda, que seria minha amiga, minha namorada, minha esposa... Enlouqueci...

- Leonardo, você escutou o que eu disse?!

- Sim senhor! E o senhor pode ficar tranquilo que vou cuidar muito bem dela! Com todo respeito, Chefe.

- Do que você está falando?

- Da sua filha, Chefe. Cuidarei dela na faculdade.

- Sei. Espero que sim. Maria Beatriz é meu tesouro! Meu bem mais precioso!

- Maria Beatriz? Que nome lindo, combina com ela! - e foi ali que ele gargalhou com vontade. Eu realmente estava pagando o maior mico, um King Kong, para falar a verdade.

- Tudo bem, filho. Eu confio em você! Venha, vou lhe mostrar mais fotos que tenho aqui.

E foi um ótimo fim de tarde. Conversamos muito, e eu sem que ele percebesse, roubei uma foto dela... Linda demais! Daquele dia em diante aquela joia iria fazer parte dos meus sonhos... E com tempo e determinação, faria parte da minha vida! Minha futura namorada, esposa, companheira... Minha Maria Beatriz.

Com jeitinho, arranquei uma informação preciosa do Chefe. Ela chegaria no final de fevereiro.

E eu estaria lá! Daria um jeito de ir sozinho buscar alguma encomenda e seria o primeiro a encontrá-la. Antes mesmo de pisar na faculdade, ela já estaria comigo e assim eu me garantiria... Nenhum engraçadinho iria se meter com minha garota. E quando Leonardo Ávila colocava uma coisa na cabeça, ninguém tirava!

Pobre guria, mal sabia o que a esperaria aqui em Santa Maria...

**Agradecimentos.**

Sempre será muito complicado para mim essa parte dos agradecimentos, pois só tenho pessoas abençoadas ao meu lado, que acima de tudo acreditam que posso conquistar tudo que quiser.

Por isso começo agradecendo nosso Pai, que me abençoaste com esse dom maravilhoso me fazendo chegar onde estou ao lado de pessoas iluminadas.

Agradeço minha família, em especial meu marido Marcelo, que com seu amor me ensinou o que é a amizade, o companheirismo, a cumplicidade, a vontade de se estar junto, de vencer junto.

A minha irmã Aline, por estar ao meu lado, dando-me a força e serenidade.

A minha mãe por me criaste e acima de tudo me mostrar que tudo podemos, apesar de todas as dificuldades.

Agradeço também ao meu anjo do mundo literário, minha querida amiga, Tatiana Amaral, que não gosta de ser chamada de especial e por isso descobri um jeito carinho que ela vai gostar.

Meu amor, você é mais que especial. Tu eis uma edição limitada.

Ela que me ajuda me instruí, me indicada os melhores caminhos a se seguir, e sempre terá um lugar especial em todos os lugares que eu vá.

Não podendo esquecer também Claudinha Zuliani e Fabiana Lustosa, minhas queridas amigas de todos os dias, revisoras, incentivadoras. Que me abençoam apenas com suas presenças. Dando-me força, paz, sorrisos, companheirismo, felicidade e amor. Que me ensinam diariamente o significado dessa palavra tão linda, me fazendo uma pessoa melhor para poder retribuir tudo que recebo das duas.

Lembro de cada uma das minhas meninas que nunca conseguirei agradecer tanto amor destinado a mim e as nossas histórias.

Sim, nossas.

*O livro é de quem tem acesso às suas páginas e através delas consegue imaginar os personagens, os cenários, a voz e o jeito com que se movimentam. São do leitor as sensações provocadas, a tristeza, a euforia, o medo, o espanto, tudo o que é transmitido pelo autor, mas que reflete em quem lê de uma forma muito pessoal. É do leitor o prazer. É do leitor a identificação. É do leitor o aprendizado. É do leitor o livro. - Martha Medeiros*

Rosi, Irene, Lizzy, Silvana, Kátia, Silvia, Francislaine, Vitor, Maria, Dana, Heliane, Terezinha, Valkíria, Daneila, Susani, Keila, Ingryd, Claudia, Suslei, Adriana, Ethel, Sil, Fabiana Voltatódio, Marla, Aninha, Geane, Graziela, e todas as minhas mais que leitoras, minhas amigas de coração e alma.

Obrigada!

Apenas isso.